



VIII CONGRESSO ABRAPESP DE PSICOLOGIA DO ESPORTE

CIÊNCIA, MOVIMENTO E ESPORTE:
CUIDADOS ÉTICOS E RESPONSABILIDADE PROFISSIONAL

19 a 21 de novembro de 2021

www.abrapesp.org.br

INTERSECCIONALIDADES NO FUTEBOL DE MULHERES

Gênero e cuidado

Talita Machado Vieira (Unesp/Assis)

José Sterza Justo (Unesp/Assis)

Sonia Regina Vargas Mansano (UEL)

Introdução: este trabalho parte de uma pesquisa de doutorado, em andamento, e pretende debater resultados parciais da mesma, em particular no que se refere aos aspectos interseccionais que constituem as experiências e os sentidos vivenciados por mulheres na construção da carreira esportiva no futebol. O futebol é uma modalidade proeminente no cenário esportivo nacional. Na medida em que operaria por regras de funcionamento e aplicação universais, uma vez que válidas “Para times campeões e para times comuns, para ricos e para pobres, para negros e para brancos, para homens e mulheres, para jovens e idosos, nacionais e estrangeiros” (DaMatta, 2006, p. 164), haveria nele uma vocação tacitamente democrática. Tal vocação, contudo, mostra seus limites assim que destacamos o aspecto generificado e generificante do Esporte Moderno (Goellner, 2013), do qual o futebol é exemplar notório no Brasil. Além das distribuições desiguais de recursos econômicos, materiais e simbólicos para as categorias feminina e masculina da modalidade, que por si só já denotam gênero como categoria analítica útil (Scott, 1995), há de se ter em vista o histórico nacional de proibição da modalidade. Este vigorou por quase 40 anos, se amparando em argumentos que operavam a regulação biopolítica do corpo das mulheres, deixando marcas ainda influentes no processo de institucionalização da modalidade, seja ao nível gerencial e organizacional ou cultural. Por tais razões, não seria exagero, recorrendo às formulações beauverianas (Beauvoir, 1967), afirmar que as mulheres são constituídas como *Outro* no futebol. Elas têm impingida sobre si a marca da diferença em relação a um suposto original (Oyéwùmí, 2021), o futebol masculino, a qual é acionada como maneira de racionalizar os aspectos políticos, econômicos e culturais que se lhes opõem à prática do futebol, como recreação ou trabalho, contribuindo para perpetuar uma perspectiva binária esencialista acerca dos gêneros. Todavia, se há aí um elemento compartilhado pelas mulheres, não podemos deduzir dele uma absoluta condição de igualdade na opressão. Encontra-se aí o valor de recorrer ao conceito de interseccionalidades, que “permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias” (Akotirene, 2018, p. 14), como classe, raça, geração/idade, origem geográfica, orientação sexual, na tentativa de reconhecer as linhas que recortam esse *Outro* homogeneizado e explicitar os aspectos singulares de suas experiências. Objetivos: dar visibilidade à pluralidade de experiências que constituem as futebolistas sem desconsiderar a condição abjeta que partilham e que se materializa na informalidade e precariedade de seu trabalho. Método: a presente pesquisa tem sido produzida a partir da perspectiva cartográfica (Deleuze & Guattari, 2011; Rolnik, 2014), que consiste na formação de mapas provisórios, que se sucedem e sobrepõem, visando



VIII CONGRESSO ABRAPESP DE PSICOLOGIA DO ESPORTE

CIÊNCIA, MOVIMENTO E ESPORTE:
CUIDADOS ÉTICOS E RESPONSABILIDADE PROFISSIONAL

19 a 21 de novembro de 2021

www.abrapesp.org.br

dar destaque às formações macro e micropolíticas dos campos existenciais investigados: seus pontos enrijecidos e as figuras cristalizadas produzidas pelas normatividades, mas também as linhas intensivas que escapam a tais regulações e animam possibilidades outras de se viver e se constituir como sujeito. Como técnicas, utilizamos a observação-participante, com registros em diário de campo, e as entrevistas semiestruturadas. Entrevistamos nove atletas de futebol, cinco do elenco principal e quatro das categorias de base, de uma renomada equipe do interior paulista. As entrevistas foram realizadas individualmente. Na análise do material, observamos as orientações de Kastrup (2015) sobre o funcionamento da atenção na cartografia. Segundo a autora, a atenção no trabalho do cartógrafo funciona por movimentos que podem ser identificados em quatro gestos: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. Tais gestos estiveram presentes nos diferentes encontros que tivemos com o material. Um primeiro encontro pode ser remetido ao momento das visitações ao campo: o acompanhamento de treinos e jogos, as visitas aos alojamentos, as conversas com membros da comissão e, em especial, a realização das entrevistas com as atletas. Durante essas movimentações, ganharam destaque os gestos atencionais de rastreio e toque apontados por Kastrup (2015). O primeiro como atenção aberta e sem foco específico; o segundo como uma aproximação que convida à exploração mais tático do que foi notado. Desse encontro, resultou um tipo de dado da ordem das sensações despertadas, colaborando para definir traçados iniciais da análise e planejar o roteiro de entrevista. O segundo encontro, ocorreu no momento de transcrição das entrevistas. Ao revisitar os áudios para efetuar as transcrições, nos aproximamos do gesto de pouso, que reconfigura o campo atencional, conferindo maior focalização sobre o material. Nossa pergunta-guia era “O que foi dito?”. Apesar de sua transformação em texto, o processamento e análise do material foram realizados por meio da escuta reiterada dos áudios, seguindo proposta de Silverman (2000) para análise de dados de fonte sonora. O autor destaca a importância contemplar os silêncios, hesitações, recalcitrâncias e as variações de entonação numa perspectiva qualitativa de pesquisa e análise. Nesse momento, tivemos nosso terceiro encontro com os dados, orientando-nos pela questão “Como foi dito?”, de modo que pudéssemos selecionar temas pertinentes aos objetivos da investigação. Neste movimento, buscamos exercitar o modo de funcionamento da atenção apresentado por Kastrup (2015, p. 46) como reconhecimento atento, o qual nos conduz “ao objeto para destacar seus contornos singulares”. Nele, a paragem sobre os aspectos que ativaram nossas sensibilidades, em outros movimentos, cria a intersecção entre passado e presente, memória e percepção, num processo que constrói diferentes versões para o mapa do trabalho de campo, conectando observações, bibliografias, entrevistas e notas do diário. Movimento em que a “percepção se amplia, viaja percorrendo circuitos, flutua num campo gravitacional, desliza com firmeza, sobrevoa e muda de plano, produzindo dados que, enfim, já estavam lá” (Kastrup, 2015, p. 47). O trabalho com os dados em diferentes encontros nos possibilitou construir quatro eixos de análise, a saber: a) iniciação esportiva; b) trabalho; c) intersecionalidades na constituição das experiências e dos sentidos esportivos; d) conexões: produções desejantes e funcionamentos micropolíticos no futebol de mulheres. Neste recorte,



VIII CONGRESSO ABRAPESP DE PSICOLOGIA DO ESPORTE

CIÊNCIA, MOVIMENTO E ESPORTE:
CUIDADOS ÉTICOS E RESPONSABILIDADE PROFISSIONAL

19 a 21 de novembro de 2021

www.abrapesp.org.br

trazemos as discussões relacionadas ao eixo “c”. Resultados: o estudo tem mostrado que a experiência de construção de carreira para mulheres e garotas no futebol é atravessada por inúmeros enfrentamentos, os quais variam segundo seus posicionamentos sociais em termos de raça, classe, idade/geração, origem geográfica e orientação sexual. Acerca do aspecto geográfico, a concentração dos clubes e dos campeonatos mais organizados no sul e sudeste lhes impõem a necessidade migratória. Por um lado, tal dimensão apresenta uma potência ao possibilitar-lhes trânsitos psicossociais que favorecem a produção de outros modos de subjetivação, questionando normas de gênero que pressupõe a fixação das mulheres a territórios geográficos e existenciais. Contudo, o enfrentamento familiar para perseguirem tal caminho não pode ser desprezado. Algumas entrevistadas das categorias de base relataram dificuldades na negociação com familiares, em especial com as mães, quando declararam o interesse de sair de casa para tentar a vida como jogadoras de futebol. O fato de tal conteúdo ter surgido exclusivamente nos diálogos com atletas da base denota como o marcador etário se associa ao gênero para produzir modos de exercício de poder sobre os corpos, no caso mulheres jovens. Outro aspecto interessante atenta para as interações entre os marcadores de classe e de gênero parece contribuir para alterar a maneira como se exercem as regulações de gênero sobre os corpos das garotas entrevistadas. Enquanto as jovens de classe média relataram maiores dificuldades na tratativa com as famílias para saírem de casa, uma das entrevistadas, que se declarou de origem pobre, enfatizou o apoio irrestrito da mãe. No que tange aos aspectos geracionais, nossos dados revelaram que as diferentes atletas comungam da posição de que o processo é mais simples para as garotas que estão iniciando suas trajetórias atualmente. As atletas da equipe principal adotam essa posição em relação às atletas da base e estas em relação às meninas que buscam ingressar em clubes ou espaços para prática sistemática. Um elemento bastante destacado como facilitador foi as redes sociais, apontadas como instrumento que favorece a divulgação de peneiras e dá algumas orientações iniciais sobre onde buscar clubes ou escolinhas de futebol. A simples existência da categoria de base já testemunha uma mudança para as jovens em início de carreira. Parte das atletas da equipe principal declararam que a possibilidade de passagem pela etapa formativa é benéfica tanto para o desenvolvimento da modalidade quanto para a longevidade das atletas, uma vez que fornece um preparo do corpo para as cobranças do esporte de alto rendimento. Era possível notar certa lamentação por parte daquelas que não tiveram tais oportunidades, seja por perceberem como limitação do tempo de carreira ou por atribuírem a isso as lesões acumuladas. As entrevistas mostraram, ainda, que os preconceitos enfrentados pelas atletas passam pela lesbofobia, sendo usual a atribuição da identidade lésbica com o intuito de desmoralizá-las. A experiência de mulheres que se identificam como lésbicas também revela violências que associam a sua orientação sexual. Uma entrevistada relatou episódios que podem ser entendidos como assédio moral e que, no seu entendimento, seriam retaliações do treinador por seu relacionamento com outra atleta da equipe, a qual ele demonstrava interesse sexual. Outra via das dificuldades enfrentadas é da erotização de seus corpos, sobretudo quando correspondem ao ideal de beleza eurocêntrico. Neste caso, evidenciamos que a erotização das mulheres no futebol



VIII CONGRESSO ABRAPESP DE PSICOLOGIA DO ESPORTE

CIÊNCIA, MOVIMENTO E ESPORTE:
CUIDADOS ÉTICOS E RESPONSABILIDADE PROFISSIONAL

19 a 21 de novembro de 2021

www.abrapesp.org.br

tem influência importante das relações raciais – mulheres brancas são postas como objetos sexuais, enquanto mulheres negras tendem a ser atacadas pelos traços estéticos que demarcam seu pertencimento étnico-racial. Quando atentamos para as pressões que vivenciam, também podemos encontrar a intersecção entre marcadores raciais, de classe e gênero. A intensidade da pressão percebida parece estar ligada aos sentidos que atribuem ao futebol, os quais podem estar relacionados aos seus pertencimentos de classe. A pressão percebida e a autocobrança que exercem sobre si também parecem ter importantes atravessamentos do racismo em seus processos de subjetivação. O entendimento de ter que fazer sempre mais e melhor ficou bastante evidenciado na fala de uma das entrevistas, autodeclarada mulher negra. Na fala da entrevistada, a cobrança sobre o próprio desempenho passava por um discurso individualizante e autoculpabilizante: dizia-se muito ansiosa, algo que julgava necessário de ser corrigido em si. Sem questionar a ansiedade sentida pela atleta, podemos interpelar a racionalização dada a mesma, que desconsidera os aspectos socioinstitucionais da modalidade (insegurança jurídica, precariedade) e psicossociais que participam dos processos de subjetivação em uma sociedade neoliberal, racista e sexista. Argumentamos ser possível entrever um efeito do racismo no modo como a atleta se subjetiva, expresso na autocobrança pela excelência de desempenho, embora, reconheçamos existirem inúmeras maneiras de pessoas negras se relacionarem com tais códigos e que suas experiências não são circunscritas, exclusivamente, pela chave das relações raciais. Considerações finais: quanto aos às contribuições acadêmicas, os achados parciais podem colaborar para avançar nas compreensões sobre a diversidade das experiências em meio as quais as atletas se subjetivam no futebol. Igualmente, podem contribuir na construção de práticas em psicologia social do esporte atenta aos aspectos psicossociais intervenientes sobre a saúde mental e o desempenho esportivo. No âmbito social, o estudo possibilitou a escuta de histórias invisibilizadas das atletas entrevistadas, oferecendo um espaço de reconhecimento de suas lutas e trajetórias.

Palavras-chave: futebol de mulheres; interseccionalidades; psicologia social do esporte

Fonte financiadora: FAPESP, processo nº 2017/18130-9.

Referências:

- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.
- Beauvoir, S. (1967) *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- DaMatta, R. (2006). *A bola corre mais que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Delleuze, G. & Guattari, F. (2011). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. vol. 1. São Paulo: Editora 34.
- Goellner, S. V. (2013). Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. *Revista tempo*. Vol. 19. N° 34. Páginas de 45 a 52.



VIII CONGRESSO ABRAPESP DE PSICOLOGIA DO ESPORTE

CIÊNCIA, MOVIMENTO E ESPORTE:
CUIDADOS ÉTICOS E RESPONSABILIDADE PROFISSIONAL

19 a 21 de novembro de 2021

www.abrapesp.org.br

Kastrup, V. (2015). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: Passos, E.; Kastrup, V. & Escóssia, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina. Páginas de 32 a 51.

Oyewùmí, O. (2021). *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

Rolnik, S. (2014). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina.